

A História Normannorum de Dudo de Saint-Quentin: um projeto de Hagiografia?

Dudo of Saint-Quentin's *Historia Normannorum*: A Hagiographic Project?

Matheus Brum Domingues Dettmann⁹¹

Artigo recebido em 31 de julho de 2024

Artigo aceito em 10 de dezembro de 2024

Resumo: No período medieval, as hagiografias contando a vida e os feitos dos santos se tornaram uma importante ferramenta para influenciar a política e a sociedade de sua época. O presente trabalho busca realizar uma análise crítica da obra *Historia Normannorum* para descobrir se ela pode ser considerada também uma forma de Hagiografia.

Palavras-chaves: Dudo de Saint-Quentin; Guilherme Espada-Longa; Santidade.

Abstract: In the medieval period, hagiographies recounting the lives and deeds of saints became an important tool for influencing the politics and society of their time. The present work seeks to carry out a critical analysis of the work *Historia Normannorum* to discover whether it can also be considered a form of hagiography

Keywords: Dudo of Saint-Quentin; William Longsword; Sainthood.

Hagiografia: a escrita que cria Santos

Ao longo do medievo, a Igreja obteve um papel de destaque na sociedade europeia ocidental. Seja nos aspectos políticos, culturais e mesmo econômicos, a Igreja se fez presente como uma poderosa força e exercendo influência ímpar tanto nos assuntos relacionados a alta esfera de poder quando no cotidiano diário dos camponeses. Um dos fatores que tornou possível que a Igreja alcançasse uma posição tão prestigiosa na sociedade, dentre outros, foi a capacidade de criar e se utilizar de mecanismos que permitissem estender e reforçar seu vínculo e relação com as pessoas e com outras importantes instituições. Um desses mecanismos amplamente utilizado pela Igreja medieval foi o uso da figura dos homens e mulheres Santos.

⁹¹ Doutorando em História Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC-UFRJ). Email: matheusbrumdettmann@gmail.com. Orcid: 0000-0002-9963-9132.

Os santos tiveram uma grande importância no mundo medieval, seja como ferramentas para a expansão da fé cristã, ou como catalisadores para reforçar a fé dos fiéis e sua devoção para com a Igreja. Desde muito cedo, a vida e os feitos de homens santos e mártires serviram para ampliar o número de devotos e reforçar os laços entre a instituição e os fiéis. Alguns exemplos mais diretos podem ser apontados. Como no caso dos Santos que efetivamente foram mandados para evangelizar regiões até então de maioria pagã.

Podemos citar, por exemplo, o caso de São Bonifácio (672-754) que fora mandado pregar aos saxões, na região da presente Alemanha, ou Santo Agostinho de Cantuária (604) sendo mandado para levar a palavra da Igreja até os anglo-saxões que havia ocupado a ilha da Britânia. Em ambos os casos, os dois tiveram um papel ativo em promover a conversão a fé cristã e, conseqüentemente, a integração desses povos à estrutura administrativa da Igreja. Uma vez que estes povos eram convertidos, era natural que adotassem em seu território e entre seu povo toda a estrutura litúrgica e administrativo da Igreja, tais como a construção de templos (abadias, monastérios e até catedrais) ou receberem clérigos para atuar em seus territórios.

Obviamente, não estamos apontando que tais homens Santos tomaram as atitudes que tiveram com intento de expandir o controle e autoridade da Igreja. É muito provável que tais homens estivessem buscando verdadeiramente levar a palavra de Deus para povos que não tinham sido agraciados com ela ainda e assim ajudar estas populações a obter a salvação de suas almas. Entretanto, é um fato que suas ações contribuíram para expandir o poder e influência eclesiástica.

Um ponto interessante é que os Santos podiam e foram usados pela Igreja até muito tempo depois de sua morte. Nesse sentido, a Igreja usou habilmente da cultura letrada para conseguir influenciar o presente através do passado. É inegável que a Igreja e os seus membros foram um dos maiores produtores de textos no ocidente medieval. Seja escrevendo e copiando trabalhos escritos no *scriptorium* ou guardando as mais diversas obras literárias em seus acervos. E um dos gêneros mais populares para se escrever e copiar eram as Hagiografias.

As Hagiografias podem ser descritas como textos que narravam a vida e os feitos de Santos e Santas. Como foi dito por James Palmer (2018), esses textos podiam desempenhar diversos papéis na sociedade e eram variados os motivos que podiam levar alguém a escrevê-los. Como apontando pelo autor, até os séculos XI e XII, o processo para que alguém se tornasse Santo não era tão bem definido e o mais importante era que a pessoa fosse vista e aceita como santa pelos outros. Nesse ponto, a Hagiografia cumpria um papel propagandístico muito importante para promover a aceitação de homens e mulheres como Santos e Santas (PALMER, 2018). O autor cita os exemplos de São Wilfrid da Nortúmbria (633-709) e do próprio São Bonifácio, cujas Hagiografias, escritas após suas mortes, teriam tido um peso considerável para sua aceitação e posterior reconhecimento como santos (PALMER, 2018). A principal regra que tais textos seguiam era o de se espelhar em textos anteriores.

Os autores então se apoiavam nos exemplos passados, buscando relatos da vida de Santos mais antigos e já consagrados e reconhecidos, tais como São Martinho de tours (316-397) e procuravam representar os protagonistas de suas narrativas da forma mais próxima e similar destes notórios exemplos (PALMER, 2018). Buscando essa aproximação, os autores reforçavam a santidade dos indivíduos dos quais escreviam e assim promoviam o próprio reconhecimento destes como Santos também (PALMER, 2018).

Esses textos, mesmo narrando as vidas de pessoas já falecidas, tinham um efeito muito prático no presente. Um exemplo disso é o próprio caso de São Wilfrid, um homem polêmico que já havia sido exilado da Nortúmbria em vida. Ao correr para escrever sua Hagiografia após sua morte, o autor, Stephanus, não buscava apenas glorificar e enaltecer a santidade de um grande homem, mas também garantir a sua posição e de seus outros seguidores, agora que seu carismático líder havia falecido (PALMER, 2018). O caso da Hagiografia de São Columbano (540-615) também pode ser citado, que ao salientar a relação do Santo com famílias proeminentes na época e o papel dos atuais líderes de suas casas monástica como seus herdeiros espirituais buscavam manter as boas relações dos mosteiros com essas famílias poderosas (PALMER, 2018).

Desse modo, parece claro que a produção de relatos Hagiográficos não se limitava a apenas registrar as vidas de Santos e Santas para que não fossem esquecidas. A escrita de tais obras cumpria um papel ativo na sociedade medieval e era uma forma atuação política e sociocultural. Isso nos leva, então, ao ponto principal deste artigo. É possível um texto não propriamente hagiográfico cumprir uma funcionalidade similar a este gênero textual? O gênero Hagiográfico pode ter influenciado outras formas de produção textual?

Para este estudo, decidimos focar no texto de Dudo de Saint-Quentin, clérigo Picardo que no primeiro quartel do século XI escreveu um relato biográfico dos três primeiros soberanos da Normandia: Rollo, Guilherme Espada-Longa e Ricardo, o destemido. O que chama a atenção é a forma como Dudo representa Guilherme Espada-Longa. O autor busca em diversas ocasiões enaltecer sua santidade e o toma como um verdadeiro mártir em seu texto. Seria essa a tentativa de Dudo de promover a santidade de Guilherme? O texto de Dudo pode ser visto como uma tentativa de construir um relato Hagiográfico?

Dudo de Saint-Quentin e a História Normannorum

Entre os séculos IX e X, a Europa ocidental vivenciava o período popularmente conhecido como Era Viking. Numerosos barcos vindos da atual Escandinávia começaram a navegar pelas costas e rios da Europa e além. Estes barcos carregavam os homens do norte (*northmanni* como ficaram conhecidos na Francia). Embora estes *northmanni* também tenham realizado importantes trocas comerciais e culturais no período, na Europa ocidental eles se notabilizaram pelos ataques e pilhagens realizados dentro dos reinos cristãos.

Durante séculos, estes nórdicos levaram medo e terror pela Europa. Albert D'Haenens (1997) aponta inclusive como tal temor era particularmente forte entre o clero, uma de suas principais vítimas, já que os invasores não eram cristãos e a Igreja, por sua riqueza material, se fazia um alvo muito interessante para eles. Entretanto, com o passar do tempo, a dinâmica entre cristãos e nórdicos foi se alterando. Muitos escandinavos passaram a aceitar a fé cristã e até mesmo se estabelecer em territórios cristãos. Um bom exemplo disso pode ser observado no caso normando. No princípio do século X, o rei dos francos

ocidentais, Carlos III, o simples, realizou uma concessão de terras na região de Rouen a um líder escandinavo conhecido como Rollo (D'HAENENS, 1997).

Rollo e seus seguidores, então, se estabeleceram na região e se converteram ao cristianismo. Rollo e seus descendentes adotariam amplamente as estruturas e práticas sociopolíticas e culturais francas e expandiram seu território e sua influência até se tornaram uma das principais famílias entre os grandes de Francia. Tamanho crescimento tão rápido fez necessário que os membros da casa de Rouen buscassem formas de legitimar sua posição como membros desta aristocracia franca. Um dos meios utilizados pelo soberano de Rouen foi encomendar uma obra que relatasse o estabelecimento de Rollo e seus homens na região de Rouen e a vida e governo dele e de seus descendentes na região.

O homem recrutado para essa tarefa foi Dudo de Saint-Quentin, um cônego Picardo que havia sido enviado para a corte normanda como um agente diplomático de Alberto de Vermandois (930-987). Como dito por Fraser McNair, parece que em sua estadia em Rouen, Dudo se aproximou em particular de Raul de Ivry (1015), um dos dois principais patronos de sua obra (o outro sendo o próprio duque normando, Ricardo II) (MCNAIR, 2015). A proximidade com a casa normanda parece ter sido um dos principais motivos para sua escolha para tão importante tarefa.

Dudo escreve sua *Historia Normannorum* até o ano de 1015 e divide sua obra em quatro partes (MCNAIR, 2015). A primeira narra sobre os ataques nórdicos na Europa e em especial no reino da Francia. A segunda parte narra a vida e o governo de Rollo (860-932). A terceira parte relata a vida e os feitos de Guilherme Espada-Longa (893-942), o filho e herdeiro de Rollo. Por fim, a última parte conta sobre a vida de Ricardo, o destemido (932-996), filho de Guilherme.

No que tange a escrita de Dudo, ela pode causar algumas dúvidas sobre o seu público-alvo. McNair chega a afirmar que o texto de Dudo teria uma preocupação muito mais literária do que política, visto o modo que ele formula seu texto, que para um leitor mais crítico poderia parecer pouco objetivo e até confuso misturando diferentes abordagens literárias como poesia e prosa (MCNAIR, 2015). Como demonstrado por Lars Mortensen (1995), o texto de Dudo

se configura em uma obra difícil de se ler lida para os iniciados no latim, com seu texto panegírico escrito como um prosimetron, ou seja, misturando prosa muitas vezes rimada e ritmada com versos de poesia.

Como dito por Leah Shopkow (1997), o prosimetron não era tão estranho dentro da tradição literária carolíngia, visto que textos como o *Consolatio philosophiae* de Boécio e o *De nuptiis philologiae et mercurii* de Martianus Capella, que apresentam também essa mistura de versos poéticos com prosa ritmada, parecem ter tido relativo sucesso no mundo carolíngio do século IX, o que torna bastante provável que Dudo tivesse familiaridade. O que pode ser considerado inovador da parte de Dudo é se utilizar desse formato para escrever uma História, ou uma representação narrativa do passado e na forma de uma Gesta, um registro dos feitos dos soberanos de Rouen. Além de Dudo, Liutprando de Cremona também parece ter escrito textos "historiográficos" em prosimetron, porém a possibilidade de Dudo ter lido sua obra parece baixa.

Além disso, o texto de Dudo apresenta uma série de palavras incomuns e raras em latim, que sem dúvida nem todos os leitores do período tinham familiaridade (SHOPKOW, 1997). Para alguns estudiosos, Dudo faz um amontoado de palavras difíceis e pouco usadas com uma sintaxe consideravelmente simplória. Na parte poética, por sua vez Dudo nos traz uma variação de diferentes sistemas métricos que se misturam e se complementam como dáctilos, trimetros, dísticos e adônicos (Mortesen, 1995). Essas características têm levantado o questionamento se Dudo realmente planejava que sua obra fosse lida; essas permitiriam ainda justificar o suposto pouco sucesso dela na época, se considerarmos o número relativamente pequeno de cópias sobreviventes em comparação com outras obras normandas do período como a *Gesta Normannorum Ducum*.

Contudo, porque a forma de escrever de Dudo gerou tantas leituras contraditórias entre os estudiosos atuais? Precisamos nos perguntar sobre as formas de ler um texto naquele período. Quem leria esse texto? Como ele seria lido? Mortensen afirma que não podemos separar completamente a leitura das práticas orais, já que o texto em latim (que era guardado e copiado no

monastério) muitas vezes era lido em público e em voz alta pelos monges e clérigos.

A própria existência de prosas rimadas e ritmadas, como usadas por Dudo em certos momentos, confirma a ideia de que provavelmente o hábito de ler em voz alta era comum. Autores como Orderico Vital que escreve na Normandia do século XII chegam inclusive a colocar pontuações e marcas em seus textos para ajudar a guiar a voz dos leitores (SHOPKOW, 1997).

Neste ponto, o texto de Dudo poderia ser um problema. Se considerarmos que as leituras deveriam ser feitas em pequenos intervalos na vida diária dos monges, a obra de Dudo com passagens muito longas e sobrepostas e ainda com palavras pouco usuais seria uma má escolha para tais exercícios de leitura, especialmente se estivermos falando sobre a prática monástica de memorizar para recitar textos⁵⁴. Podemos, então, seguir a hipótese de que a obra de Dudo não seria tão popular mesmo dentro dos monastérios e seria uma leitura difícil e voltada mais para homens mais estudados e com conhecimentos mais aprofundados na leitura e na língua latina.

Como dito por Michael Clanchy (2013), nesse período do medievo temos uma grande diferença entre língua escrita e falada, com uma minoria da população sendo versada no latim, uma língua delegada particularmente a escrita. Enquanto os soberanos de Rouen falavam o *langue d'oïl* e o nórdico, provavelmente, era bem difícil que eles fossem versados em latim e muito menos que tivessem conhecimento o suficiente para entender a obra de Dudo com sua escrita complexa.

Então para quem Dudo escreve? A obra de Dudo é uma verdadeira enciclopédia de sinônimos, métricas, prosódias, retórica e mesmo geografia, o que leva Mortensen a afirmar que o trabalho de Dudo seria destinado somente a estudiosos ou alunos avançados e serve como uma demonstração de diferentes e variados estilos de escrita, seja em verso ou em prosa, com o objetivo de aprofundar o conhecimento em latim.

Em outras palavras, para Mortensen (1995), o livro de Dudo não seria lido pela maioria dos clérigos ou mesmo dos leigos letrados, mas sim por uma minoria estudiosa que se pautava em seu relato para aprofundar seu entendimento da

literatura latina e suas diferentes variações e formas. A abordagem de Mortensen (1995) também ignora as possíveis funções simbólicas e monumentais do texto. Shopkow (1997) chama a atenção para importantes textos que eram escritos sem a intenção de serem lidos como a lista, de patronos e de amigos, presente no monastério de Saint-Evroul (uma lista que não era lida, mas apenas colocada sobre o altar em nome de quem se rezava de modo geral), e os elogios e homenagens a abades de outros mosteiros que eram escritos e enviados pelos monges e serviam mais por sua existência material do que por seu conteúdo, ou seja, o próprio ato de escrever um texto e enviá-lo servia para reforçar os laços de cooperação e solidariedade que conectam as diferentes casas monásticas (SHOPKOW, 1997).

Essa, sem dúvida, é uma linha de raciocínio bastante interessante, porém, como dito anteriormente, não é a nossa abordagem para a análise do texto, já que optamos por uma análise social e política. A rede de conexão entre as casas monásticas teria grande importância social no que se refere a obra de Dudo. O texto de Dudo seria guardado e copiado quase que exclusivamente nos mosteiros da Normandia e posteriormente da Inglaterra. A própria circulação do texto se daria através da rede sociocultural e política que conectava essas casas monásticas. A importância da conexão entre essas congregações e a obra de Dudo não pode ser ignorada.

Durante o século IX uma grande parte da estrutura eclesiástica da região normanda foi destruída e abandonada. Essa rede eclesiástica seria refeita sobretudo a partir da segunda metade do século X e XI. O principal beneficiário responsável por esse restabelecimento e retomada destes aparatos eclesiásticos foi justamente a Casa normanda de Rouen. Desse modo, os principais mosteiros normandos como Saint-Wandrille, Saint-Evroul, Fécamp, Jumièges, Saint-Ouen de Rouen e monte Saint-Michel tinham a Casa de Rouen como seu principal patrono e beneficiário, recebendo concessões substanciais (MCNAIR, 2015).

São justamente essas casas monásticas que serão responsáveis por guardar e copiar a obra de Dudo. Segundo Shopkow (1997), isto é uma indicação da relação próxima e estreita entre o próprio duque e esses mosteiros. Mesmo

que a maioria dos monges não lesse a obra, o mero fato de ter o texto como um de seus tesouros indica seu status e posição junto a família ducal normanda e seu favorecimento, ou seja, o texto físico cumpre uma função importante ao reforçar a ligação do duque com a estrutura eclesiástica normanda, ao mesmo tempo ter o texto preservado nessas importantes casas religiosas aumenta o próprio status e autoridade do texto em si. Assim, mesmo que poucos efetivamente lessem o texto, ele cumpria sua função política de consolidar a legitimidade normanda e apresentar o soberano normando como um líder cristão e patrono da cristandade ao materializar a existência de uma aliança entre o duque e a organização eclesiástica normanda.

Porém, dizer que não era um texto feito para ser lido seria errôneo. Com certeza, há um valor político e social no ato dos monastérios receberem, manterem e reproduzirem o texto, porém, é muito simplório alegar que esse é o grande objetivo social e político do texto, ignorando totalmente seu conteúdo. Dizer que o texto não é feito para ser lido ignora completamente a funcionalidade de seu conteúdo, uma representação do passado com intuito de atuar e modificar seu presente e ignora completamente a já dita proximidade entre oralidade e escrita.

Como demonstrado por Leah Shopkow (1997), podemos inclusive apontar casos nos quais nobres não letrados ou versados em latim tinham as narrativas textuais passadas oralmente para eles pela atuação de clérigos e monges letrados. Alegar que um texto não é escrito para ser lido e ter seu conteúdo transmitido parece uma percepção equivocada e que desconsidera as particularidades da cultura letrada medieval.

Guilherme, Espada-Longa: um Santo aos olhos de Dudo?

Em sua obra, Dudo busca apresentar os soberanos normandos como legítimos membros da aristocracia franca cristã. O autor tenta apresentar os soberanos de Rouen como verdadeiros exemplos de governantes cristãos e cheios das virtudes que deveriam ser praticadas pelos aristocratas da Francia. Contudo, um desses relatos se destaca dos demais. Estamos falando da parte da obra que Dudo narra a vida de Guilherme Espada-Longa. Dudo, ao longo da

narrativa, busca destacar a grande piedade de Guilherme e mesmo sua predisposição à santidade.

Logo no início de sua narrativa, Dudo realiza uma série de elogios a figura de Guilherme, nos quais aponta sua predisposição à santidade, como pode ser visto a seguir:

Assim nasceu Guilherme na cidade de Rouen, o mais glorioso duque e poderoso conde e o mais estimado ator para o Rei Eterno. Nascido de uma linhagem distinta, tendo como pai o dácio Rollo e uma mãe franca de nome Poppa, como foi dito do princípio ao fim no último livro. Seu senhor, lhe fornecendo a abundância de todos os bens e um mosaico de objetos, o confiou para ser criado batizado e criado por um rico conde de nome Botho para que fosse polido até estar preparado. Assim, o mais belo garoto, vivendo intimamente com os mais ortodoxos e respeitáveis homens, começa a demonstrar uma abençoada memória e uma grande promessa. Dedicando sua juventude, forte e virtuoso como era, a Jesus Cristo, se tornando escravo de todos os esforços divinos. Verdadeiramente ele ficava cada vez mais cheio da graça divina e cada vez mais dotado com a sabedoria dos sacramentos e ele todo dia se tornava mais rico em méritos.

Ele foi copiosamente versado nos divinos dogmas e abundantemente animado pelas ordenanças religiosas, tendo gravado em si, pelos seus mordomos, os prazeres da vida eclesiástica e influído em grande profusão por este doce néctar. Ele foi de impactante imagem, alto e com uma mente vigorosa, amadurecendo, na retidão de suas maneiras, em um perfeito homem de fé com todos os tipos de força. Ele iria negar a ostentação de sua idade e evitar a pompa desse mundo. Ele era de encantadora imagem e pacífico em sua mente serena. De discurso charmoso e o mais suave em suas ações. Ele desejava logo crescer para se tornar um monge em Jumièges...Ele sempre buscava investigar e pensar o que Jesus faria na situação, ele buscava por um sinal, talvez algum lhe fosse enviado dos céus. Dessa forma, ele iria se dedicar incessantemente até as lágrimas e manteria seu corpo austeramente distante de comida. Ele se mantinha toda a noite em vigílias e reavivar os pobres com sustento. Inflamado pelo fogo apaixonado de seu ardor, ele fez um voto de que se tornaria monge e que ele iria abandonar todo o mundo terreno. (LAIR, 1865).

Além disso, Dudo conta que Guilherme, após restabelecer o monastério de Jumièges (que havia ficado desocupado desde sua destruição pelos ataques nórdicos) manifesta o desejo de abandonar sua posição e se tornar um monge em Jumièges. O autor frisa a vontade do duque de renunciar ao mundo leigo e viver em adoração a Deus e levar uma vida humilde no claustro, desejo que é manifestado pelo próprio Guilherme em seu diálogo com o abade Martinho.

Guilherme, porém, ao ouvir essas coisas, respondeu ao abade, dizendo: "Na flor da juventude, eu desejava muito negar o caminho mais livre e mais amplo e substituí-lo por aquele do confinamento dentro de limites do claustro, mas meu pai e seus líderes me nomearam, todos contra a

minha vontade, como seu duque. Mas porque agora sou meu próprio mestre e estou em meu próprio poder, abandonando o mundo e com o hábito mudado, desejo chegar ao lugar do caminho contemplativo, estritamente vindo de todas as direções.

No entanto, Martinho, abade ilustre, ao ouvir a declaração daquele plano singular, suspirando, subitamente enrijeceu e arrastando a voz do fundo do peito, disse: "Defensor desta pátria, por que você sequer pensou fazer tal coisa? Quem irá cuidar do clero e da população? Quem irá resistir ao ataque dos exércitos pagãos? Quem irá governar ativamente a população de acordo com as leis paternas? da região bretã e normanda? A vontade da providência divina não estará de acordo com sua premeditação, nem você realizará o que está tentando fazer, nem permitirei que tal coisa seja mais ponderada. Mas se você persistir, por força de seu próprio poder, em fazer sua profissão neste mosteiro e, abandonando o mundo, para se dedicar à regra do caminho contemplativo, você não me encontrará em lugar nenhum em sua região, se me procurasse.

E diante dessas de tentativas de objeção, diz-se que o duque Guilherme respondeu o seguinte: "Meu amado filho Ricardo, ainda envolto na ignorância da idade pueril, será em meu lugar o duque mais poderoso desta região, com a aprovação voluntária de meus líderes. E o que prometi a Deus será cumprido tão rapidamente quanto eu puder. No entanto, enquanto Guilherme passava pela entrada do templo, com o abade Martinho, um pequeno grupo de monges caiu a seus pés, rezando para que ele aceitasse sua porção diária de comida, isto é, alimentos para esta vida corporal, na benevolência de Deus. Mas ele, movido em sua alma pelas objeções do abade, negou seus pedidos, nem concordou com a oferta de comida, mas dirigiu-se rapidamente para a cidade de Rouen. (LAIR, 1865).

Entretanto, os planos de Guilherme não se concretizaram, pois o duque seria morto em uma emboscada e sofreria o seu já referido martírio. Segundo conta Dudo, existia um certo nobre, na região Norte da Francia, o conde Arnulfo de Flandres, que estava crescendo em poder e influência e buscava expandir seu território predando e conquistando as fortalezas dos nobres vizinhos (LAIR, 1865). Uma de suas vítimas foi Herluíno, senhor de Montreuil, que teve sua fortaleza invadida e tomada por Arnulfo (LAIR, 1865).

Em tal situação desesperadora, Herluíno procura auxílio de seu nobre suserano, o duque de Francia, Hugo, o grande. Porém, Hugo já havia realizado uma aliança secreta com o próprio Arnulfo e se recusa a ajudar Herluíno a recuperar seu território (LAIR, 1865). Sem esperanças de obter apoio de seu suserano, Herluíno resolve recorrer ao duque dos normandos, cuja fama e força já se faziam conhecidas por todo o reino dos francos. Herluíno, então, se prosta diante de Guilherme e suplica por sua ajuda (LAIR, 1865). Guilherme, por sua vez, compadecido da situação de Herluíno, se propõe a ajuda-lo. Guilherme

invade Montreuil e retoma a fortaleza das mãos de Arnulfo (LAIR, 1865). Após o ocorrido, Guilherme restitui a fortaleza para Herluíno e lhe promete auxílio em batalha se alguma vez mais Arnulfo tentasse invadir seu território (LAIR, 1865).

Diante disso, Arnulfo fingiu buscar uma reconciliação com Guilherme e lhe enviou mensageiros marcando um encontro de paz no rio Somme (LAIR, 1865). Guilherme, desejoso da paz para poder seguir seu plano de se tornar um monge, aceita a reconciliação e vai até o encontro. Porém, Arnulfo prepara uma emboscada na qual Guilherme é assassinado (LAIR, 1865). É interessante notar como Dudo busca em diversas passagens apresentar Guilherme como o verdadeiro mártir. Dudo escreve Guilherme como um homem piedoso e que em seu desejo de obter a paz e se dedicar a servir Deus e ter uma vida ascética, foi violentamente morto pela ação vil e mesmo diabólica de Arnulfo.

Quando quase todo o dia foi passado em deliberações caprichosas e uma paz foi finalmente acordada pelos líderes de ambos os lados, de boa-fé por Guilherme, mas com corações traiçoeiros por Arnulfo e os outros líderes, Guilherme, tendo beijado Arnulfo, recua com seus doze seguidores e entra sozinho em um navio com apenas um remador, seus doze seguidores o precederam em outro navio. Então, os traiçoeiros Eric, Balz, Robert e Ridulf começaram a falar enganosamente com o duque Guilherme, dizendo com vozes astutas, ecoando um ao outro: "Senhor, senhor, faça o barco voltar um pouco para nós, esquecemos de mencionar um plano ainda melhor! Nosso senhor não pode vir até você porque, como você sabe, ele está impedido pela enfermidade da gota, mas há algo maravilhoso que ele se esqueceu de lhe contar. Então, sem seus seguidores, Guilherme (irrepreensivelmente confiável!), compelido pelas repetidas chamadas daqueles homens traiçoeiros, rapidamente vira seu barco e vem, desatento, até a margem do rio para falar com eles. Mas eles, inflamados pelo frenesi de uma fúria monstruosa e agitados por um espírito diabólico, tendo agora rapidamente sacado quatro espadas, que haviam sido cuidadosamente escondidas sob uma cobertura de peles, perfuram e matam, à vista de todos, o irrepreensível Guilherme (que tristeza!) e depois disso, tendo navegado com seu senhor (aquele homem mais vil de todos!) através do rio em um navio veloz e chegam até o seu exército e, cavalgando agilmente, eles escapam em fuga. Mas os normandos e os bretões, muito tristes pela morte de seu senhor Guilherme, desejando muito se vingar, correm rapidamente aqui e ali... Assim, o precioso marquês e glorioso mártir de Cristo, Guilherme, foi dedicado a um feliz martírio. E tendo assim alcançado o reino dos céus, que há tanto tempo cobiçava, é coroado, vivendo feliz em Cristo. (LAIR, 1865).

Deste relato, podemos fazer um importante pergunta. A narrativa de Dudo sobre a vida de Guilherme Espada-Longa pode ser considerada uma tentativa de Hagiografia ou Dudo simplesmente se utilizou uma escrita similar para apresentar

o soberano normando como um virtuoso governante cristão e afastá-lo da imagem de um líder pagão? Alguns pontos podem tornar essa questão problemática. Guilherme nunca chegou a ser realmente considerado um Santo pela Igreja e em sua vida ele tomou parte em guerras e até mesmo teve um filho.

Essas atitudes não parecem condizer exatamente com o comportamento típico que se espera de um homem Santo. Entretanto, como apontando por Palmer (2018) até o século X, as Hagiografias não parecem seguir um padrão muito estrito. Como dito anteriormente, o mais importante era que o homem ou mulher representado tivesse um comportamento similar ao de Santos já largamente reconhecidos. Diante disso, até mesmo o ato de lutar em guerras ou ter filhos poderia ser relevado pela grande piedade ou devoção apresentada pelo devoto. O autor aponta como até mesmo viver uma vida ascética, como Guilherme pretendia, e conceder benefícios a casas religiosas poderiam também ser interpretadas como provas de santidade.

De certo modo, o Guilherme, Espada-longa, escrito por Dudo parece se encaixar como possuidor de uma vida santa. Destacamos não apenas sua grande piedade e devoção, como também o seu martírio. A ênfase de Dudo identificar ele como um mártir deve ser levada em consideração. Outro ponto interessante é observar como após sua morte, seus seguidores tiveram o cuidado de levar seu corpo até a Rouen, onde seus súditos vieram encontrar e rezar junto de seus restos mortais. Dudo relata como junto a seu corpo fora encontrado a chave de um baú no qual o duque guardava o hábito que pretendia usar em sua nova vida em Jumiéges.

Certamente o corpo daquele homem abençoado, jazendo sem vida e encharcado na umidade do seu próprio sangue, mas a sua alma, escoltada ao céu pelos anjos, foi inestimavelmente colocada entre as tropas dos anjos. Um certo grupo de guerreiros do mártir Guilherme correu imediatamente até ele e, com grande lamento, carregou-o de barco até a margem oposta do rio Somme. No entanto, examinando suas feridas com corações suspirando e os olhos chorando muito e lamentando, enquanto desenrolavam suas vestes ensanguentadas, eles descobriram uma pequena chave de prata pendurada em um cinto em volta de sua cintura. Tendo perguntado à sua comitiva doméstica por que a chave estava pendurada em seu cinto, um certo camareiro a par de seus segredos, respondeu: "Nosso senhor Guilherme jurou que abandonaria este mundo se tornaria, depois desta lamentável

conferência, um monge em Jumièges, e esta chave guarda e confina dentro de um certo baú, um hábito monástico

Na verdade, eles imediatamente enterraram honrosamente seu corpo sacrossanto, o colocando rapidamente em um esquife e transportando (com grande lamento) para a cidade de Rouen, na igreja da Bem-aventurada Maria, mãe de Deus. Na verdade, quase toda a província se reuniu, com grande dor, lamentando com uma tristeza indescritível e enviando profundos suspiros ao céu, na verdade trazendo também consigo seu filho, de nome Ricardo. (LAIR, 1865).

Embora o relato não aponte o corpo de Guilherme como produtor de milagres, o cuidado de seus seguidores em recuperar o corpo e trazê-lo para a catedral de Rouen se assemelha um pouco a forma como os corpos dos Santos são apresentados nas Hagiografias. Como relíquias valiosas que são guardadas como importantes tesouros nas casas monásticas.

Outro ponto interessante para ser salientado é o que foi dito por Leah Shopkow (1997) em seu trabalho sobre as fontes normandas. Segundo a autora, Dudo se esforça para mostrar os soberanos de Rouen não apenas como autoridades leigas, mas também como lideranças religiosas. Um ponto que a autora chama a atenção é sobre a conversão dos nórdicos pagãos. Ela não é feita por um membro do clero ou uma figura monástica, mas sim pelos próprios soberanos normandos, seja Rollo ou Ricardo I.

Elton Medeiros (2011), em seu estudo sobre os Reino Anglo-saxões, apontou um fenômeno similar. Segundo o autor, era comum que os reis ingleses tivessem sua autoridade laica mesclada com certo grau de liderança religiosa após a conversão destes povos. Se considerarmos a influência de obras inglesas no texto de Dudo, tais como os textos de Beda, o venerável (673-735), não parece algo tão surpreendente que Dudo incorresse em um recurso similar de representação. Dudo não hesita em se utilizar até mesmo do divino para garantir a legitimidade da casa normanda de Rouen e a garantia de sua posição na cristandade franca.

Conclusão

De fato, parece que apresentar Guilherme como um Santo e um mártir parece atender bem aos objetivos da escrita de Dudo. Dudo tem como objetivo demonstrar que os normandos não são mais os bárbaros pagãos do passado e, em especial, mostrar que os soberanos de Rouen são legítimos soberanos da cristandade franca. Com esse objetivo em mente, representar um desses

soberanos normandos como um homem Santo ou predisposto a santidade parece uma estratégia interessante para Dudo adotar em seu texto.

Como dito por James Palmer (2018), as Hagiografias de Santos no medievo não se limitavam a apenas enaltecer ou glorificar homens e mulheres piedosos e devotos. Os textos também eram uma forma de atuação política que buscava influir nas questões do presente. Hagiografias também podiam ser ferramentas políticas e a forma como eram escritas dizia muito do período em que o escritor trabalhou na obra, até mais do que o período que o próprio Santo viveu. Fatos de sua vida podiam ser lembrados ou esquecidos tendo em vista a situação atual. Assim, o texto de Dudo não parece tão distante da funcionalidade de uma Hagiografia. Ao representar Guilherme como um homem Santo e um mártir, Dudo busca usar o passado para causar mudanças em seu presente. Consolidar em definitivo a legitimidade dos soberanos normandos e negar qualquer contestação ou oposição que os francos poderiam ter em relação a sua posição como príncipes da cristandade franca.

Isso parece o suficiente para afirmarmos que Dudo escreveu uma Hagiografia? Possivelmente não. Entretanto as semelhanças entre o texto de Dudo e este gênero literário existem e podemos dizer que sim, o texto de Dudo cumpre uma função similar ao de várias Hagiografias produzidas no medievo, a de usar a imagem e representação de um suposto homem Santo como ferramenta para modificar e agir em seu mundo.

Finalmente, devemos lembrar o que foi dito por Palmer. Como dito pelo autor, Hagiografias muitas vezes eram apenas formas de organizar e centralizar crenças populares. As histórias sobre a santidade ou não de alguém circulavam e eram transmitidas oralmente. Muitas vezes os autores apenas colocavam em texto o que já era transmitido oralmente. Assim, eles podiam decidir o que valia ser lembrado ou não e assim modelar a narrativa com base em suas próprias demandas.

Além disso, como dito anteriormente, até o século X, período no qual provavelmente Dudo iniciou a escrita de seu trabalho, o mais importante para alguém se tornar um Santo era justamente ser reconhecido como um e as Hagiografias carregavam um papel vital nisso ao atuarem como catalisadores

para a santidade. Ao escrever que um indivíduo era um homem Santo, os autores das Hagiografias contribuíam assim para que Santos de verdade fossem criados. A representação molda a realidade.

Diante disso, não podem descartar inteiramente que um dos intentos de Dudo fosse promover a santidade de Guilherme, Espada-Longa. É possível que Dudo estivesse canalizando em sua obra uma tradição que já era passada oralmente. Também é possível que Dudo pretendesse lançar as bases para que algum autor posteriormente escrevesse uma obra plenamente Hagiográfica de Guilherme. Como Guilherme nunca chegou a se tornar um Santo reconhecido institucionalmente pela Igreja é muito difícil averiguar a veracidade ou não destas hipóteses, contudo, a ideia de Dudo planejar, em seu texto, plantar a semente para que no futuro outro autor continuasse seu trabalho de tornar Guilherme, Espada-Longa em um Santo parece possível e não é uma ideia que deva ser descartada. Afinal, as Hagiografias podiam glorificar e até mesmo criar Santos e Santas.

Referencias Bibliográfica

Fonte primária

DUDO DE SAINT-QUENTIN. De moribus et actis primorum Normanniæ ducum. Editado por Jules Lair. Mémoires de la Société des Antiquaires de Normandie, 23, 1865.

Bibliografia

CLANCHY, Michael T. From Memory to Written Record: England 1066–1307. 3aed. Wiley-Blackwell, 2013.

COUSIN, Patrice. La vie monastique à Jumièges des origines à la dévastation par les normands (654-851) In: Jumièges, Congrès scientifique du XIIIe centenaire, tome: 2, pages: 745-752, Rouen: Imprimerie Lecerf, , 1955.

CROUCH, Davis. Normans and Anglo-Normans: divided aristocracy? In: BATES, David; CURRY, Anne (eds.). England and Normandy in the Middle Ages. Londres: Hambledon Press, 1994, pp. 19-36.

D'HAENENS, Albert. As invasões normandas: Uma catástrofe? São Paulo: Perspectiva, 1997.

DETTMANN, Matheus Brum Domingues. O discurso diplomático normando do século XI: a representação das relações exteriores normandas para Dudo de Saint-Quentin e Guilherme de Jumièges. Dissertação- Mestrado em História. Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2023.

MCNAIR, Fraser. The politics of being Norman in the reign of Richard the Fearless, Duke of Normandy (r. 942–996). *Early Medieval Europe*, 2015.

MEDEIROS, Elton. Alfred o Grande e a linhagem sagrada de Wessex: a construção de um mito de origem na Inglaterra anglo-saxônica. *Mirabilia*, 13, 2011.

MORTENSEN, Lars Boje, Stylistic Choice in a Reborn Genre. The National Histories 171 of Widukind of Corvey and Dudo of St. Quentin. In: GATTI, Paolo; Degl’Innocenti (Org.). *Dudone di San Quintino*. Trento: Editrice Università degli Studi di Trento, 1995.

MUSSET, Lucien. Les relations extérieures de l’a Normandie du IXe au XIe siècle, d’après quelques trouvailles monétaires recentes. *Annales de Normandie*, IV, 1954.

PALMER, James. T. *Early Medieval Hagiography*. Leeds: Arc Humanities Press. 2018.

SEARLE, Eleanor. Fact and Pattern in Heroic History: Dudo de Saint-Quentin. *Viator*, 15, 1984, pp. 119-138.

SEARLE, Eleanor. *Predatory Kinship and the Creation of Norman Power, 840-1066*. Oakland: Univ of California. 1988.

SHOPKOW, Leah. *History and Community: Norman Historical Writing in the Eleventh and Twelfth Centuries*. Washington: Catholic University of America Press. 1997.